

NOTAS SOBRE ORIENTAÇÃO DE UMA JOVEM ARTISTA OU COMO PENSAR UM PROCESSO DE PRODUÇÃO EM ARTES

Rosana Paulino

Artista visual, pesquisadora e educadora.

Pode parecer lugar comum mas confesso que ter participado como orientadora¹ da jovem artista Charlene Bicalho, na seleção da Bolsa em Artes Visuais, modalidade Ateliê, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo foi um enorme desafio mas também um grande prazer. Desafio porque pudemos colocar em prática um processo de orientação fundamentado na análise e apreciação do que estava sendo produzido pela artista e prazer porque Charlene correspondeu as minhas maiores expectativas. Embora ainda iniciando sua produção visual ela já trazia na bagagem a ótima web serie **RAIZ FORTE**. Nela constatamos como tratou, com grande competência e sensibilidade, questões relativas à herança das mulheres negras, seu lugar de pertencimento no mundo e as desvalorizações constantes sofridas por este grupo ao assumir o formato natural de seus cabelos. Entretanto, inquieta que é, buscava neste momento traduzir suas indagações em uma instalação, produto alheio a sua prática artística.

Pensar uma instalação nos leva a considerar elementos presentes na espacialidade do local, disposição de estruturas, desenho do espaço expositivo ou seja, respeitar uma linguagem artística que tem sua própria epistemologia. Não pensava, no caso de Charlene, em apenas fazer uma *transposição* de suas pesquisas em vídeo para a produção de uma instalação. Pensava, antes, em ajudá-la a *traduzir* suas ideias em uma linguagem na qual ela tinha pouco conhecimento prático.

E foi exatamente neste momento que seu deu o que, para mim, foi uma excepcional oportunidade de pensar como o conhecimento e experiência adquiridos em mais de vinte anos de prática artística poderiam ser compartilhados com uma artista mais jovem. Através de um mergulho visceral de Charlene na produção de sua obra pudemos pôr em prática um plano de estudos baseado em propostas que presenciei fora do Brasil e que consistem em, ao invés de atulhar o orientando com textos alheios a sua prática ou interesse artístico, mapear os pontos fortes e fracos de sua produção e, a partir daí, organizar um plano de trabalho/estudos que valorize a experiência adquirida e permita, na medida do possível, sanar as dificuldades percebidas.

¹ Sempre procurei pautar nosso relacionamento na conversa de duas artistas, uma mais experiente e outra iniciando o percurso nas artes. Tentei não estabelecer distâncias hierárquicas como é comum nos meios acadêmicos o que considero, se não totalmente tolo, altamente improdutivo. Utilizo aqui por vezes o termo orientanda e orientadora apenas para clareza do texto.

Oriunda de outra área, percebemos que sua formação apresentava algumas lacunas nas quais deveríamos nos concentrar. Para que conseguíssemos otimizar ao máximo o processo propus que, ao invés de somente eu me deslocar ao Espírito Santo, Charlene viesse algumas vezes a São Paulo. Tratar de questões tão delicadas pedia medidas que ampliassem seu repertório visual. Visitas ao museu Afro Brasil, por exemplo, foram de grande valia, bem como a pesquisa de elementos da cultura visual afro-brasileira. Isto tudo sem abrir mão daquilo que ela faz muito bem, que é trabalhar com vídeo. Neste momento, concluímos que uma videoinstalação seria a melhor solução para sua proposta. Deste modo ela poderia continuar investigar um assunto ao qual já vinha se dedicando, ou seja, as características dos cabelos afrodescendentes e o preconceito advindo destas qualidades através de uma linguagem que ela já dominava (o vídeo) porém acrescentando novos elementos que dessem um significado maior a proposta em questão.

O plano proposto incluiu elementos como a pesquisa da sacralidade dos cabelos através de visitas a sala de milagres, textos que evidenciavam a classificação das mulheres negras pela forma dos cabelos², visitas a livrarias, museus e exposições, leitura de livros sobre história da arte e conhecimento da obra de outras/os artistas, produção de maquetes, idas ao mercado municipal de Vitória, onde procuramos elementos da cultura religiosa afro-brasileira, testes de luz, exercícios relativos à disposição de peças no espaço e produção de mapas expositivos. Além disso, foi necessário desenvolver um olhar atento à simbologia dos altares afro-brasileiros (onde uma pedra pode representar os atributos de um Orixá) e conversas com Yalorixás (por iniciativa dela) para saber mais sobre o significado dos cabelos nos cultos afro-brasileiros. Tudo isto tendo como ponto de partida a própria jornada anteriormente realizada pela artista e que a levou a se (re)descobrir através da aceitação e, posteriormente, do orgulho de sua incrível cabeleira.

O resultado pode ser visto na instalação **ADAPTAÇÃO/MARGENS DE TI**, parte da mostra **TENTATIVAS DE SE ESGOTAR UM LUGAR**. Nela, Charlene procura destrinchar todo este percurso interior, suas descobertas como mulher afro-brasileira e algo da relação com as entidades que regem seu universo particular. Um grande alguidar, cabelos, fotos sobre armarinhos de banheiro (local íntimo onde o espelho não nega a realidade de quem somos) e o belo vídeo gravado em Minas Gerais e em Regência (Espírito Santo) compõe esta instalação em que cada elemento foi exaustivamente pensado. Das fotos que contam o percurso desde quando alisava os cabelos até às flores amarelas que aparecem no vídeo e que representam Oxum, Orixá feminina das águas doces a quem se atribui a beleza, o amor, a riqueza e a diplomacia, todos os pontos que resultaram nesta instalação foram discutidos, estudados, analisados.

² Basta atentarmos ao fato comum no Brasil que mostra que, se duas mulheres da mesma cor de pele escura possuem cabelos diferentes, quando lisos muitas vezes a mulher é classificada como “morena”, numa tentativa de aproximá-la da branquitude e de seus benefícios. Se os cabelos são crespos, esta mesma mulher é classificada como negra o que significa, aos olhos de sociedades racistas, um “rebaixamento” de sua condição.

Fato a ser notado é que, em relação ao ambiente brasileiro, o que parece manter em uma espécie de “universo paralelo”³ as obras que tratam de modo direto da questão negra não parece ser a qualidade dos trabalhos nem a solução plástica escolhida pelos artistas em suas investigações, e que pode transitar por uma arte contemporânea de tendência conceitual, pictórica ou de qualquer outra vertente atual. O que parece interditar o acesso fora de locais específicos como o museu Afro Brasil parece ser a *temática* das obras e o *material* escolhido para a sua produção. A/o artista pode estar perfeitamente alinhada/o com o que se espera de uma realização contemporânea, mas, se em suas obras o ponto principal são as questões concernentes à população negra ou, ainda, se escolhe materiais fortemente ligados às manifestações oriundas das matrizes africanas, como búzios, alguidares, miçangas, etc., corre-se o risco de suas escolhas, por melhor que possa ser o resultado alcançado, afastá-lo/a dos espaços expositivos mais conceituados.

Ao trazer para sua obra elementos da cultura afro-brasileira a artista alarga conceitos, discute parâmetros que alicerçam uma produção contemporânea que muitas vezes não dialoga com a cultura local e propõe o acolhimento de novos meios de pensar a produção visual produzida no Brasil. **ADAPTAÇÃO/MARGENS DE TI** belamente propõe novas conversas e leva ao panorama da arte contemporânea percepções diferentes, escolhas singulares e a quebra de paradigmas antigos e excludentes que infelizmente tem se perpetuado em nossa elaboração visual.

Atingimos aquilo a que nos propúnhamos? Creio que sim, porém do meu ponto de vista, desde o princípio interessou-me mais o *percurso*, o aprendizado que esta viagem propôs a Charlene que o resultado final. Procuramos desenvolver um tipo de pensamento visual profundo, que vai muito além da superficialidade e que a levou a descobrir elementos que estão presentes em toda boa obra de arte, independente do meio no qual a/o artista se expressa e que são o que faz a viagem valer a pena. Tenho certeza que ela absorveu isto, sagaz que é, e espero que nossa aventura possa ampliar seu modo de se aproximar da arte e de suas questões colaborando para a tradução de seus pensamentos e inquietações em potentes obras de arte.

São Paulo, outubro de 2015.

³ É notável que no Brasil artistas e pensadores afrodescendentes ligados às artes visuais tenham ocupado locais “alternativos” para suas exposições e/ou publicações. Fora do ambiente do museu Afro Brasil a presença de artistas que tratam da temática negra em seus trabalhos é mínima. Nos principais museus de São Paulo, como MAM, Pinacoteca do Estado (pós-gestão de Emanuel Araújo), MASP e MAC, por exemplo, exposições que tratam de assuntos ligados aos afrodescendentes no Brasil são, a um primeiro olhar, quase inexistentes.